Representações estéticas de lideranças políticas no cinema – Lincoln (2012) e Getúlio (2014)[1]

Bruno Novaes Araujo
Doutorando; Universidade Federal do ABC. São Bernardo do Campo, SP, Brasil.
bnovaisaraujo@yahoo.com.br

Claudio Luis de Camargo Penteado
Doutor; Universidade Federal do ABC. São Bernardo, SP, Brasil.
claudiocpenteado@gmail.com

Resumo

Esse artigo tem como objetivo analisar os filmes *Lincoln*, 2012, e *Getúlio*, 2014, verificando através da linguagem cinematográfica as representações estéticas dessas lideranças políticas emblemáticas. O cinema documental e de entretenimento carregaram historicamente formas simbólicas voltadas para construção de um discurso favorável a determinadas ideologias e/ou lideranças políticas. Logo, esse trabalho analisará os filmes selecionados que veiculam as imagens desses dois ícones da política, Getúlio Vargas e Abraham Lincoln, cada qual em seu tempo e local de atuação, buscando identificar nas formas simbólicas neles presentes como são representados e quais enquadramentos são mobilizados pelos diretores a fim de gerarem nos espectadores subjetividades a respeito dessas **personas políticas**. Para realizar esse trabalho, será efetuada inicialmente uma análise bibliográfica de teóricos pertinentes ao tema, assim como uma análise fílmica dos filmes de entretenimento previamente escolhidos, usando como referencial metodológico para ambas a *Análise Fílmica* proposta por Manuela Penafria (2009) e a *Hermenêutica de Profundidade*, utilizada por John Thompson (2002) em *Ideologia e Cultura Moderna*. Como resultados, observamos a representação estética de Lincoln como um líder político heroico e obstinado em promover justiça e inclusão social. Getúlio, por sua vez, é enquadrado como um político em decadência e desgastado. Apesar dessas diferenças, os

[1] Artigo apresentado no Seminário IV Mídia, Política e Eleições, organizado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, entre 13 e 15 de novembro de 2017.

sacrifícios pessoais e os momentos de prestígio popular estão presentes em ambas as representações.

Palavras-chave

Cinema. Estética. Entretenimento. Lideranças Políticas. Formas Simbólicas.

1 INTRODUÇÃO

O cinema estadunidense tem uma longa tradição de produzir filmes sobre seus presidentes. As produções cinematográficas vão desde biografia dessas importantes lideranças políticas, até a construção de ficções onde o presidente surge em muitos casos como herói que **salva** a nação de ameaças e invasões. Este tipo de produção cultural e estética espelha, de certa forma, elementos da cultura política estadunidense, que vê na figura do presidente uma importante instituição da nação e uma representação de liderança política.

Abraham Lincoln, 1809-1865, décimo sexto presidente dos EUA, é uma importante liderança política estadunidense que ganhou representações cinematográficas. Presidente da República durante a Guerra da Secessão e responsável pela abolição da escravidão nos EUA, sua representação política produziu filmes clássicos como *Young Mr. Lincoln*, 1939, de John Ford, a filme-biografia *O Libertador*, 1940, de John Cromwell, até ficções fantásticas como *Abraham Lincoln caçador de vampiros*, 2012, de Timur Bekmambetov. Para esse artigo, recuperamos a obra Lincoln, 2012, de Stevie Spielberg, que retrata os quatros últimos de meses de vida do presidente e sua liderança na aprovação da Décima Terceira Emenda à Constituição dos Estados Unidos.

No Brasil, o cinema brasileiro tem pouca tradição em trabalhar com a personagem do presidente da república, principalmente como obras de ficção. São exemplos de obras ficcionais os filmes *Bela Noite para Voar*, 2009, de Zelito Viana, e o *Lula: O Filho do Brasil,* 2009, de Fábio Barreto. Para o estudo sobre a liderança política no cinema, aqui proposto, selecionamos o filme Getúlio, 2014, de João Jardim, que destaca em especial sua figura de liderança política.

As imagens do poder, representadas pelas lideranças políticas no cinema, são o objeto de estudo de Vera Chaia (2016). Segundo a autora, o estudo das representações

simbólicas e estéticas de lideranças políticas, aqui representadas pela figura do presidente da república, retrata uma importante agenda de pesquisa que visa compreender como são construídas e representados os mecanismos e dispositivos de poder, expressos pelas representações estéticas da obra cinematográfica.

Dentro da agenda proposta por Vera Chaia (2016), o artigo tem como objetivo analisar os filmes *Lincoln* e *Getúlio*, para verificar por meio da linguagem cinematográfica as representações estéticas dessas duas lideranças políticas emblemáticas para a formação da cultura política dos EUA e Brasil, respectivamente.

O artigo está dividido em cinco partes, além dessa breve introdução. Na primeira parte, apresentamos uma revisão do debate em torno do conceito de liderança política. Na sequência, o artigo retrata os dados e contextos dos filmes analisados. Na parte três, discorremos sobre a metodologia de análise fílmica, adotada neste estudo, seguida das respectivas análises (parte quatro). Ao final, apresentamos as considerações finais, nas quais discorremos sobre as imagens do poder expressas nos filmes analisados.

2 O CONCEITO DE LIDERANÇA POLÍTICA

As sociedades, de uma forma geral, são organizadas em grupos e instituições, normalmente lideradas por indivíduos, intitulados líderes. Uma liderança, de forma mais global, tem a capacidade de influenciar determinado grupo social com o propósito de alcançar objetivos. Essa capacidade pode estar diretamente relacionada à posição hierárquica que um indivíduo possui numa dada organização, ou ligada ao reconhecimento que outros indivíduos demonstram ao perceberem a existência de certas qualidades e competências adequadas as circunstâncias do momento. Logo, as motivações para escolha de um líder variam de acordo com a situação e contexto, já que alguns atributos de liderança são mais valorizados que outros dependendo da situação.

Miguel Chaia (2016), no artigo *Liderança Política: Virtú e Parresia*, discute as visões de Nicolau Maquiavel e de Michel Foucault a respeito de lideranças políticas dentro de seus contextos. Ao falar de Maquiavel, Miguel Chaia (2016) aponta que esse pensador clássico italiano defendia que o Príncipe (governante) deveria possuir *virtú* e *fortuna*. A virtú remetia à capacidade do governante de agir para conquistar e manter o poder político, implementando um projeto inovador diante de leis vigentes e que conquiste os súditos, assegurando a continuidade do mandato. Portanto, a virtú é ligada às qualidades

da ação política, afastada de questões morais, e que aliada à fortuna (sorte individual), permite possibilidade de êxito político. A **fortuna** arbitraria metade das ações, mas a virtú seria responsável pelo restante das possibilidades. Dessa forma, o príncipe deveria ser impetuoso, estrategista, um líder inovador e fundador na esfera pública, elaborando um projeto significativo fora do âmbito das instituições, desafiando leis e tradições, lutando contra poderosos que ambicionam seu poder e também contra a resistência criativa do povo que não quer ser oprimido.

Miguel Chaia também traz as reflexões de Foucault (1992 apud MIGUEL CHAIA, 2016, p.4) a respeito das lideranças políticas. De acordo com esse pensador francês, a liderança política aplica um conjunto de mecanismos para fazer funcionar o governo e produzir efeitos de poder; visa um conjunto de procedimentos e tecnologias que visam ao comando das condutas de uns sobre os outros. Assim, a liderança política é conceituada como tecnologia de governo. Logo, se faz necessário interrogar o presente do qual somos parte para nos situarmos e precisarmos o campo das experiências possíveis. Para tal, Foucault aborda em três eixos: formação dos saberes, ou seja, nos discursos e regras de enunciação para produção de verdades; nos procedimentos e técnicas de governamentalidade, observando como o poder é exercido, conduz os outros e as tecnologias pelas quais os outros são governados. O terceiro eixo refere-se à constituição dos modos de subjetividade, não traçando a historicidade de seu modo de ser, mas analisando as diversas modalidades de sua produção com base nas técnicas de si consigo mesmo. É o eixo da ética do sujeito e da liberdade. Em todos esses eixos as lideranças políticas apresentam papel importante.

Melo (2012, p. 12), no artigo *Notas e reflexões sobre a Liderança política*, também fornece pistas do que é uma liderança política. Utilizando os conceitos de Max Weber (apud MELO, 2012), o autor defende que o líder possui antes de tudo o carisma, capaz inclusive de romper com a burocracia e os controles da tradição. Segundo Melo (2012, p. 13) , esse tipo de líder possui e exerce a capacidade de fazer-se seguir, possivelmente, por conseguir vocalizar um sentimento mais amplo e difuso, colocando-se à frente desses sentimentos, por espelhar em si a imagem de seus seguidores. O líder possui adeptos.

Melo (2012) ainda separa três tipos de lideranças políticas: o líder de massas (MELO, 2012, p. 10), que vocaliza o interesse das massas, arregimenta adeptos e mobiliza-os. Domina a comunicação e pode ou não ser um demagogo. É uma persona política admirável, mas não apresenta projeto real e caminho para o futuro, pois não é um

estrategista político. É facilmente classificado como populista, nem sempre de forma justa. O líder político nem sempre é reconhecido. Articula processos políticos fundamentais, constrói consensos por meio do diálogo e estratégias políticas de poder, colocando-se à frente do processo. Assim, faltam-lhe as massas, pois não possui boa comunicação em campos abertos, apenas em âmbitos restritos. Seduz uma elite política que o acompanha, muitas vezes, pelo seu intelecto. É um líder político dos políticos: uma **raposa**. Por fim, Melo (2012) conceitua o líder político de massas, que condensa as melhores competências das duas lideranças anteriores: conduz povo e elite. É estratégico e arrebatador, pois extrapola seu grupo social, controla grupos distintos e contraditórios. Passa para a história de modo marcante, já que é **raposa** e também populista.

Vera Chaia (2016, p. 2), por sua vez, apresenta importantes reflexões sobre a relação entre liderança política e cinema no artigo *Lideranças políticas e cinema: a imagem construída de Luiz Inácio Lula da Silva*. Ao debater a importância da imagem no mundo contemporâneo, Vera Chaia (2016), invocando Vilém Flusser (apud VERA CHAIA, 2016, p. 4), aponta que imagens são mediações entre o homem e o mundo, têm a função de representar, serem mapas dele. São revelações e resultados do ato da imaginação e associam-se a discursos preestabelecidos. As imagens passaram a reverberar uma visualidade excessiva resultante do mundo capitalista. As relações da atualidade existem a partir das imagens. No cinema, é necessário atentar-se para a importância da construção dos planos sequenciais: como cada filme constrói através dos deles uma narrativa específica do personagem discutido. O tempo, tão caro ao cinema, é editado e formulado, para assim induzir ao olhar a imagem do diretor. Logo, o cinema constrói imagens que passam a fazer parte do imaginário político. O poder não se faz nem se mantém senão pela produção de imagens, manipulação de símbolos e sua organização em um enquadramento específico.

Diante dessas colaborações, abordarei os filmes selecionados entendendo essas lideranças como líderes políticos de massas, que conseguiram entrar para a história defendendo pautas populistas, buscando identificar como seus atos foram enquadrados pelos cineastas, levando em conta seus contextos de produção.

3 OS FILMES *LINCOLN* (2012) E *GETÚLIO* (2014)

O filme foi produzido em 2012 e lançado em janeiro de 2013. É classificado como um filme de drama e biográfico, apresentando como atores principais Daniel Day-Lewis como Abraham Lincoln; Sally Field interpretando Mary Todd Lincoln e Tommy Lee Jones como o republicano Thaddeus Stevens. O diretor é o renomado Steven Spielberg, vencedor de diversos prêmios na Academia e de obras cinematográficas conhecidas do grande público, como *Jurassic Park* , 1993, e *A Lista de Schindler* , 1993.

O enredo do filme ocorre durante a Guerra Civil Norte-Americana, 1861-1865, que acabou com a vitória do Norte. Ao mesmo tempo em que se preocupava com o conflito, Abraham Lincoln, décimo sexto presidente americano, travava uma batalha difícil em Washington ao tentar passar uma emenda à Constituição estadunidense que acabava com a escravidão. Nas premiações do Oscar em 2013, *Lincoln*, 2012, foi premiado nas categorias de "Melhor Ator", para Daniel Day-Lewis, e "Melhor Direção de Arte", para Rick Carter, além de indicado para mais dez categorias. O orçamento do filme correspondeu a US$ 65 milhões, e sua bilheteria foi estimada em US$ 2 bilhões ao redor do mundo.[2]

O filme chegou ao cinema três dias depois das eleições em que Barack Obama foi reeleito e quatro anos depois de ter sido comparado a Lincoln. Spielberg proclamou a estreia para depois das eleições. Douglas Wilson, historiador consultado por Spielberg durante a produção do filme, confidenciou que Spielberg defendia um filme sério sobre Lincoln para cada geração, e que este foi feito para possibilitar uma reflexão sobre a sociedade americana e sobre Obama. O historiador ainda disse que o cineasta usou a figura de Lincoln para tratar do contexto político vivenciado à época e que, embora o lançamento do filme tivesse sido adiado para não dialogar diretamente com as eleições, havia ali uma posição política pró-Obama claramente tomada. Não somente por sua cor e sua representatividade, mas também por pautas populares, como o **Obama Care**, defendido na época diante de forte oposição de congressistas republicanos, essas duas lideranças políticas apresentam similaridades que permitem o estabelecimento de uma comparação.[3]

---

[2] ADORO CINEMA. **Filme Lincoln**: ficha técnica. [*S.l.*], [2017?] Disponível em: http://www.adorocinema.com/filmes/filme-61505/. Acesso em: 23 out. 2017.

[3] CARMO, Ana Duarte. **Lincoln ainda pode ser mito para a era Obama?** Ipsilon, Nova Iorque, 10 jan. 2013. Disponível em: https://www.publico.pt/2013/01/10/culturaipsilon /noticia/lincoln-ainda-pode-ser-mito-para-a-era-obama-1580210. Acesso em: 22 out. 2017.

O filme *Getúlio*, 2014, por sua vez, foi produzido em 2013 e lançado no dia 1º de Maio de 2014. É também classificado como um filme de drama e traz como atores principais Tony Ramos interpretando Getúlio Vargas; Drica Morais como Alzira Vargas e Alexandre Borges encarnando o papel de Carlos Lacerda. O diretor é João Jardim, diretor dos documentários *Janela da Alma*, 2001, e *Pro dia nascer feliz*, 2006, além de codiretor no documentário *Lixo Extraordinário*, 2010, ganhador do Oscar na categoria de "Melhor Documentário" em 2011. *Getúlio* ,2014, é o primeiro filme ficcional desse diretor.

O enredo do filme (GETÚLIO, 2014) se passa nos últimos dezenove dias de vida de Getúlio Vargas, em 1954. Pressionado por uma crise política sem precedentes, em decorrência das acusações de que teria ordenado o atentado contra o jornalista Carlos Lacerda, Getúlio avalia os riscos existentes e tenta se manter no poder, mas ao considerar que não havia mais saída, decide tirar sua própria vida (GETÚLIO, 2014). O orçamento do filme foi de R$ 6 milhões e sua bilheteria de R$ 6.4 milhões[4]. *Getúlio*, 2014, recebeu três premiações no "Grande Prêmio de Cinema brasileiro", em 2015: "Melhor ator" para Tony Ramos, "Melhor direção de arte" para Tiago Marques Teixeira e "Melhor maquiagem" para Martín Trujillo Macías.[5]

Getúlio , 2014, foi lançado nacionalmente no Dia do Trabalho, elemento com o qual esse político tem grande relação por ter sido quem sancionou a Consolidação das Leis Trabalhistas (1943), além de ter implementado uma série de políticas sociais e trabalhistas que atendiam as demandas das classes populares, o que possibilitou o título de **Pai dos Pobres**, de forte marketing político. Em entrevista de 2014, o diretor João Jardim afirmou que o filme foi veiculado em ano eleitoral (que culminaria na reeleição da ex-presidenta Dilma Roussef) para propor uma importante reflexão que não diz respeito apenas aos governantes, mas a todos os brasileiros. Ele defendeu que todos nós deveríamos estar focados no bem comum e que o processo no Brasil está corrompido em muitas instâncias, não se limitando apenas às relações entre políticos, pois a sociedade como um todo apresenta práticas corruptivas. Dessa forma, esse filme funcionaria como um alerta, antes de qualquer coisa.

---

[4] OS DEZ FILMES nacionais de maior bilheteria em 2014. **Veja,** [s.l.], 28 jul. 2014. Disponível em: http://veja.abril.com.br/entretenimento/os-dez-filmes-nacionais-de-maior-bilheteria-em-2014/. Acesso em: 22 out. 2017.

[5] O GETÚLIO de João Jardim. **Papo de Cinema,** [*s.l.*], 9 maio [2014]. Disponível em: https://www.papodecinema.com.br/entrevistas/o-getulio-de-joao-jardim/. Acesso em: 22 out. 2017.

Os dois filmes apresentam representações estéticas de importantes lideranças políticas em diferentes tempos e locais de atuações, com contextos de tensões políticas que exigiram ações significativas dessas personas. Logo, para aprofundar no processo de entendimento de como Abraham Lincoln e Getúlio Vargas são representados nas películas selecionadas, serão utilizadas como metodologias a Hermenêutica de Profundidade, proposta por John Thompson (2002) e a Metodologia de Análise Fílmica de Manuela Penafria (2009).

4 METODOLOGIAS DE ANÁLISE FÍLMICA

A Hermenêutica de Profundidade é uma ferramenta teórica e metodológica que permite analisar o contexto sócio-histórico e espaço temporal do objeto de estudo. Essa ferramenta fornece diversas opções, como análise discursiva, de conteúdo, semiótica ou qualquer outro padrão. A ideologia, por sua vez, pode ser analisada através da interpretação das formas simbólicas. Contudo, ela supera as formas tradicionais de ideologia, pois traz como inovação a necessidade de propor sentidos e discuti-los, podendo interpretá-los como ideológicos. Trata-se de fazer uma análise qualificada da realidade apresentada pelas formas simbólicas. Segundo Thompson (2002), tal metodologia, resumidamente é " ([...])o estudo da construção significativa e da contextualização social das formas simbólicas" (THOMPSON, 2002, p. 363). A Hermenêutica de profundidade segue algumas etapas, que podem ser resumidas como análise sócio-histórica, que consiste na análise das situações espaço-temporais; a segunda fase é a análise discursiva e, por fim, a última etapa, que é a ressignificação da forma simbólica.

O método de análise fílmica proposto por Manuela Penafria (2009), por sua vez, complementa o método hermenêutico de Thompson (2002) e visa fazer uma análise interna do filme. Para isso, ela propõe quatro etapas. A primeira etapa refere-se à apresentação das informações, como Título, ano, país, gênero, duração, diretor e distribuidora. A segunda etapa é decompor o filme a partir da dinâmica da narrativa. O procedimento adotado nesse trabalho foi decompor o filme por cenas selecionadas que apresentem formas simbólicas que expressam a representatividade dessas lideranças políticas no contexto do filme e para além dele. Essas cenas foram analisadas a partir dos discursos presentes nos diálogos das cenas em questão, bem como também serão descritos planos de cenas, trilha sonora e outros fatores que acompanhem a transmissão

dessas formas simbólicas. A terceira etapa é chamada por Penafria (2009) de "pontos de vista". Os filmes foram analisados nesse trabalho pelo sentido ideológico, com o intuito de verificar nas formas simbólicas o enquadramento que os cineastas fizeram dessas lideranças políticas representadas. As etapas dois e três serão feitas ao mesmo tempo. A última etapa da análise fílmica proposta por Penafria (2009) é a seleção de cenas principais do filme. No filme *Getúlio*,(2014) as cenas principais selecionadas são aquelas onde a personagem principal tira sua vida e suas consequências a partir disso. No filme *Lincoln*, (2012) a aprovação da Emenda Constitucional contra a escravidão e algumas cenas posteriores foram analisadas como os momentos destacados. O critério para essa escolha refere-se ao grande clímax apresentado nessas cenas, carregando enorme grau simbólico para o enredo do filme e grande nível de emotividade.

5 ANÁLISES FÍLMICAS DOS FILMES SELECIONADOS

Nessa seção os filmes *Lincoln*, 2012, e *Getúlio*, 2014, serão analisados de acordo com as metodologias explicadas anteriormente, com o intuito de identificar as representações estéticas e enquadramentos executados pelos diretores acerca desses líderes políticos.

5.1 *Lincoln* (2012)

Seguem abaixo informações importantes acerca do filme selecionado para uma percepção inicial de sua temática e demais agentes envolvidos:

Título - Lincoln (original)

Ano: 2012

País: Estados Unidos da América

Gênero: Biografia e Drama

Duração: 150 minutos

Diretor: Steven Spielberg

Distribuidora: Fox Film

5.2 Decomposição do filme em cenas e pontos de vista

O filme se inicia com uma narração que contextualiza o que levou à Guerra de Secessão, seguido por imagens brutais da Guerra. Logo após, Lincoln conversa com militares da Infantaria de negros, soldado Harold Green e cabo Clark. As conversas seguem, apresentando um Lincoln brincalhão e piadista, a vontade em meio aos soldados, tratando sem distinção negros e pobres. É representado ali como uma figura gentil e acessível a todos. Soldados brancos chegam e mostram que decoraram seus discursos. A cena termina com o informativo de que se vivia ali o quarto ano da guerra e com trecho do marcante discurso de Gettysburg, feito pelo referido presidente em 1863, ao inaugurar um cemitério militar: "Que todos nós aqui presentes solenemente admitamos que esses homens não morreram em vão, que esta nação com a graça de Deus venha gerar uma liberdade e que o governo do povo, pelo povo e para o povo jamais desaparecerá da face da **terra**. " (*LINCOLN*, 2012). O discurso de luta pela liberdade, a eloquência de Lincoln e ideais transmitidos com ares de nobreza e heroísmo demonstram o nível de simpatia com o qual essa liderança política é representada pelo diretor Steven Spielberg.

A esposa do presidente, Mary Todd Lincoln, e o filho, Tad Lincoln, são abordados de formas diferentes. Mary aparenta cansaço e dores, expressa amargura por ter perdido um filho e certa distância de Lincoln. O filho Tad é próximo do pai, expressa carinho constante e há profunda relação de reciprocidade. Lincoln busca se mostrar racional e compreensivo com a esposa, apesar de aparentar cansaço e tristeza quando o filho falecido é citado. A representação do drama familiar, vez ou outra abordada no filme, traz um Lincoln humanizado, que supera suas adversidades particulares em prol do bem da nação norte-americana. Sua silhueta esguia e inconfundível cartola muitas vezes são destacadas, seja em um quarto relativamente escuro, parcialmente iluminado pela luz do dia que entra pela janela e que destaca apenas o ator Daniel Day Lewis, seja quando ele é filmado caminhando pensativo para algum local da Casa Branca ou em busca de diálogo com aliados.

O que mais chama atenção no filme é como Lincoln conduz as ações políticas para alcançar a aprovação da 13º emenda. A princípio, seu gabinete tenta orientá-lo a não tentar a aprovação dessa emenda no Congresso, já que ele possuía 56% de apoio dos congressistas, mas para obter êxito teria que ter apoio dos democratas, dos quais a grande maioria era contrária à aprovação. Cansado, mas sempre expressando lucidez, Lincoln vai

em busca aprovação da emenda. Buscou apoio prometendo favores e cargos a democratas que se demonstrassem favoráveis à abolição da escravidão e se encontrou com conservadores radicais do partido republicano, como Preston Blair, prometendo dialogar com os confederados para chegar ao fim da Guerra, elemento totalmente contrário ao que queria grande parte de seus aliados. Thaddeus Stevens, interpretado por Tommy Lee Jones, é também cooptado como aliado, apesar de apresentar inúmeras discordâncias em relação a Lincoln. Contudo, é um dos principais nomes na luta pela libertação dos negros no país e se torna um elemento valoroso. É uma representação de um Lincoln astuto, com uma prática de compra de votos com cargos que não foi transmitida como antiética, mas como um caminho necessário para se chegar a um ideal nobre: conceder liberdade aos negros explorados. É um líder humanizado, que busca agir pelo bem do país custe o que custar, considerando como cidadãos inclusive os negros que são desprezados por aqueles que não possuem seu nível de sabedoria.

Ele convive em meio a críticas de que é um ditador, que confiscou propriedades de fazendeiros do Sul e escravos, considerados até então como propriedades, alegando que a Guerra lhe concedia poderes extraordinários por ser um Estado de exceção. Lincoln reagia a isso se dizendo legalista e que não gostava do que fez, mas agiu de forma a proteger aos negros, argumentando inclusive que não os via como propriedades. Suas expressões de serenidade vez ou outra contrastavam com a angústia e cansaço que transparecia ao viver em momentos tão turbulentos. A trilha sonora sutil transmitia o drama e a tensão vivenciados em um momento tão importante da história estadunidense.

Lincoln e seu gabinete enviam pessoas para tentarem persuadir os democratas a aceitarem cargos para votarem a favor da emenda. Enquanto isso, o presidente vivencia outro drama familiar: seu filho, Robert Lincoln, quer entrar no exército. Lincoln resiste a princípio, pressionado pela esposa, mas depois cede, entendendo que essa era uma decisão do filho. É um pai compreensivo, mesmo que a princípio relute; um indivíduo que entende o ímpeto do filho, pois, assim como ele, lutou e luta para construir sua história em busca daquilo que considera justo.

Em meio a tantos problemas, Lincoln aparenta cansaço, está envelhecido. Porém, é persistente, não desiste, e vai até os democratas que não foram convencidos. Com eles, usa um discurso carismático e humano, se preocupando com problemas particulares dos indivíduos abordados, de forma a sensibilizá-los e conseguir apoio. Possui o dom do convencimento, uma retórica que expressa uma sabedoria de alguém que é representado

esteticamente como muito a frente de seu tempo. Ao voltar a Casa Branca, encontra uma funcionária de sua esposa. Conversam e diz a essa mulher, negra, que não conhece os negros, mas não tem problema com isso, pois também não conhece os brancos e se acostumará com a liberdade deles. Ele pergunta para a mulher o que ela é para a nação e ela responde que perdeu um filho lutando pela liberdade, e isso é o que ela era para a nação. Essa conversa tem cunho simbólico importante, pois reforça a ideia de que Lincoln lutava pela liberdade de todos por respeito especialmente à memória das pessoas que morreram, sejam negras ou brancas. As práticas dele foram necessárias e, naquele contexto, corretas.

Isso é reforçado em uma cena adiante quando, ao conversar com seu gabinete, ele diz que não conseguirá aprovar nada de valor humano se o país não se curar da doença da escravidão. Demonstrando irritação, argumenta que os olhos do mundo estavam de olho nos Estados Unidos da América e que a abolição dos escravos mudaria o mundo. Lincoln termina falando que é presidente do país, investido de imenso poder e que os seus aliados deviam lutar pelos votos faltantes. Aqui, ele é representado como um indivíduo que reconhece a grandeza do poder que tem em mãos, especialmente por reverenciar o poder da nação que comandava e do ato simbólico da libertação dos escravos como expressão da liberdade. Para isso, os fins justificam os meios. Ainda adiante, ele se mostra mais uma vez astuto, quando democratas denunciam a todos que há uma tropa de confederados para alcançar a paz, ponto de discordância inclusive entre seus apoiadores, que querem recuar na votação. Quando ele é informado, envia uma nota obscura dizendo que, pelo que sabia, não havia equipe de paz na cidade. Seus aliados aceitam a resposta e seus opositores, enfurecidos, repudiam a atitude que dá margem a interpretações dúbias.

5.3 Cenas principais

É chegado o momento da votação. Lincoln está tranquilo, brincando com seu filho Tad em uma sala da Casa Branca, enquanto o clima está tenso na Câmara. Negros são convidados a entrarem no local, e são recebidos com o discurso de **bem-vindos a casa do povo**.

Alguns democratas, persuadidos por Lincoln, apresentam voto favorável à emenda sob protestos dos radicais do partido. Uma trilha sonora leve, que remete a esperança na vitória segue ao fundo, sem interferir no áudio da cena que traz momentos de tensão e

expectativa. O presidente da Câmara, Schuyler Colfax, vota sim, sob protesto dos democratas que não entendiam como legalmente permitido o voto dele. Ele diz que é permitido e que votaria porque aquilo era a história sendo feita. Esse discurso mostra aquele momento como um marco fundamental das relações humanas, estabelecendo aqueles que votaram sim como mocinhos e os democratas como vilões. A emenda é aprovada com 116 votos a favor, 56 contra e 8 abstenções. Lincoln ouve os sinos tocarem e permanece no quarto, junto a seu filho. A Câmara está em festa, com negros e brancos confraternizando enquanto alguns democratas apresentam indignação.

Stevens pega a nova lei em mãos e leva até sua casa, onde é recebido pela governanta, a qual escondeu por muito tempo ser também sua esposa. Ele pede a ela que leia a nova lei para ele na cama e a escuta com olhos lacrimejantes. Todas essas cenas, que remetem a um momento principal, carregam um simbolismo evidente do clímax do filme e do significado daquela ação, e isso é sintetizado por Stevens ao chegar em casa e encontrar sua esposa: "Um presente para você! A maior medida do século XIX, aprovada pela corrupção, ajudada e instigada pelo homem mais puro da América" (*LINCOLN*, 2012). Esse discurso reforça a ideia de Lincoln como líder brilhante, que fez o que precisava diante do contexto e que aquilo foi um mal necessário para alcançar um bem absoluto da humanidade: a liberdade. A representação estética dessa liderança política é, acima de tudo, a de um agente da liberdade.

O filme termina com um Lincoln envelhecido, cansado, que tenta guiar o país para fora de um estado de guerra e também busca reconstruir sua relação com sua esposa, tão abalada. Contudo, ele não tempo para isso, já que é morto e entra para a história como um líder político de massas. O filme termina mais uma vez com um trecho do discurso de Gettysburg, simbólico pelo seu humanismo, que prega unidade e perdão em nome de um espírito cristão que permita superar as diferenças históricas:

> "De todo coração esperamos, fervorosamente rezamos para que esta colossal maldição da guerra possa desfazer-se e desaparecer prontamente. Ainda assim, se Deus deseja que ela continue até que todas as riquezas acumuladas pelo trabalho incansável dos servos ao longo de 250 anos sejam dissipadas, e até que cada gota de sangue retirada por meio do chicote seja paga por outra gota retirada pela espada, como foi dito 3 mil anos atrás, ainda assim se terá de dizer que os julgamentos do Senhor são de todo verdadeiros e justos. Sem rancor para com pessoa alguma, com caridade para todos, com firmeza no direito, assim como Deus nos dá a faculdade de ver o que é direito, tratemos de esforçar-nos

> para concluir o trabalho em que estamos empenhados para pensar nos ferimentos da nação, para cuidar daquele que tiverem combatido na batalha, e de sua viúva e do seu órfão, para fazer tudo o que possa conseguir e valorizar e acarinhar uma paz justa e duradoura, entre nós mesmos e com todas as nações. (LINCOLN, 2012).

5.4 *Getúlio* (2014)

Seguem abaixo informações importantes acerca do filme selecionado para uma percepção inicial de sua temática e demais agentes envolvidos:

Título: Getúlio (original)

Ano: 2014

País: Brasil

Gênero: Biografia, Drama

Duração: 100 minutos

Diretor: João Jardim

Distribuidora: Copacabana Filmes

5.5 Decomposição do filme em cena e pontos de vistas

O início do filme se dá com tela preta e voz de Tony Ramos, intérprete de Getúlio em off, com certa dose de rancor. Ele narra sua trajetória, confessa que era ditador, torturador, que fechou jornais, mas não se arrependia, pois foi amado pelo povo. Contou ainda que foi deposto pelos militares, voltou ao poder, resistiu às tentativas de deposição, foi acusado de corrupção e era visto como inimigo pelo jornalista Carlos Lacerda, que o difamava diariamente. A imagem de Getúlio aparece aos poucos, com foco em seu rosto. É um homem envelhecido, de aparência cansada, representado esteticamente como um líder político prestes ao esgotamento.

A seguir, é mostrado o atentado da Rua Toneleiros, que leva a morte do Major da Aeronáutica, Rubens Vaz. Carlos Lacerda sobrevive, apesar de ter sido ferido no pé com um tiro. A partir daí o jornalista acusou Getúlio de ser o mandante do atentado, chamando-o de protetor dos ladrões. A seguir, Getúlio e sua filha Alzira Vargas conversam e questionam se aquilo não era um golpe eleitoral de Lacerda. Fora do palácio do Catete

ouviam-se gritos insultuosos, acusando o presidente de assassino. Getúlio se mostra tenso, atordoado com o momento político. É representado como uma liderança política vivenciando uma crise severa, expressando sempre condição de pesar. Ao fundo é constante a presença de uma trilha sonora que expressa drama e pressão.

A câmera às vezes é colocada atrás ou sobre os ombros de Getúlio, como se estivesse escondida, oculta, querendo mostrar os bastidores daqueles últimos dias, expressando uma lógica fílmica semelhante à documental, campo de atuação durante muitos anos do diretor João Jardim. Getúlio é humanizado na relação com sua filha Alzira, a única pessoa com a qual ele parece se sentir melhor naquele contexto. Em determinada cena no palácio, o presidente apresenta dificuldades para colocar o cadarço no sapato, o que remete às dificuldades crescentes e comuns em um idoso. Ao perceber isso, Alzira ajuda o pai, mostrando cuidado. Os dois trocam olhares ternos e o pai acaricia a filha nas mãos. Esse é um dos poucos momentos em que Getúlio expressa carinho por um membro da família.

Getúlio percebe aos poucos estar inserido em uma situação confusa e extremamente problemática para suas intenções de se manter no poder. Ele descobre o envolvimento de sua guarda pessoal no atentado, que agiu sem seu aval, passou a ser acusado pela Aeronáutica como responsável e manda dissolver a guarda pessoal e prendê-los em uma tentativa de mostrar força. Contudo, Lacerda continua massacrando o presidente, afirmando em transmissão televisiva que ele já estava deposto moralmente. Em conversa com a filha, pensa inclusive em renunciar, mas é prontamente dissuadido por ela. Enquanto isso, Lacerda pressiona membros do exército a apoiarem o golpe contra Getúlio e que se negar a isso é trair o próprio país. Lacerda é representado como raivoso e determinado. Seu antagonismo, contudo, contrasta com a figura de um Getúlio acuado, perdido, que se sentia traído e estava fragilizado. Um homem só, embora cercado de pessoas. Mal come, fuma muitos charutos e prefere a solidão de fato. Ele pouco tem contato com a esposa, troca poucas palavras com ela. Perdeu um filho alguns anos antes, fato pelo qual apresenta profunda tristeza e frustração. É uma figura política profundamente cansada.

Alzira observa algumas fotos que refletem ações de manifestantes lutando contra a polícia, com tiros e gritos de "assassino" aos fundos. É a representação de um clima de tensão total. Jornais são enquadrados pela câmera, com destaque para as manchetes que apontavam Getúlio como um espectro que não governava.

Contudo, ao ir a uma refinaria, Getúlio ainda recebe algum apoio. Apesar de ser inicialmente vaiado por algumas pessoas, é aplaudido pela maioria dos trabalhadores. Dessa forma, ele aproveita para atacar em seu discurso seus opositores políticos e diz defender a democracia para que o voto dos trabalhadores seja respeitado. É uma liderança política ali representada com algum vislumbre do prestígio que ainda possuía com a classe trabalhadora, na qual poderia buscar algum refúgio em meio ao caos que vivenciava. Entretanto, esse momento é raro e rápido. Na narrativa do filme, o foco está em momentos angustiantes para Getúlio e logo veio um dos maiores naquele contexto: Alcino, integrante de sua guarda, confessou ter tentado matar Lacerda por encomenda de Lutero Vargas, filho de Getúlio, o que geraria problemas ainda maiores a ele.

Os ministros entram em conflito quanto a apoiar ou não Getúlio. Diante desse caos, Getúlio permanece constantemente nervoso, fumando e sem comer. Em determinado momento, aparece em seu quarto de pijama. É um senhor fragilizado, frustrado, que mais uma vez está só. O lustre acima dele é enquadrado girando constantemente, em uma metáfora do que era a vida dele naquele momento: andando em círculos, sem saída, em um ritmo alucinante. Ele vive a base de pílulas e tem sonhos nos quais está algemado, sendo preso por militares. É uma representação política de um homem desesperado e decadente. A crise aumenta. Ele e seu filho são acusados de corrupção, o que aumenta o clamor de opositores e imprensa pela renúncia de Vargas. Seu vice, Café Filho, também quer o poder e pede por sua saída. Os militares assinam um manifesto pedindo a renúncia, enquanto os poucos que ainda lhe são fiéis pedem que ele prenda os rebeldes. Getúlio não apresenta mais firmeza nas decisões, pede por respeito à Constituição e proíbe ações repressoras. Enquanto sua filha e os ministros discutiam, Getúlio estava ausente, as vozes ao fundo baixas, distantes, como se ele tentasse fugir dali.

A famosa carta de Getúlio passa a ser datilografada. A câmera mostra a progressão da máquina a cada palavra, anunciando o inevitável. Em conversa com assessor, Vargas relata estar sentindo saudade de São Borja, mas que não vai renunciar, pois tudo tem sua hora certa, menos a morte que pode chegar de repente. Lamenta pela morte do filho que morrera 11 anos antes. A partir dali os assuntos de Getúlio passam a constantemente carregar um ar fúnebre.

Ao se encontrar com ministros, muitos propõem resistência armada. Getúlio está mais uma vez mentalmente ausente, se imaginando preso. Quando finalmente se manifesta, dá ordem aos ministros para que respeitem a constituição e se dispõe a pedir

licença para investigação, mas só sairá do Catete, em caso de violência, como cadáver. É aplaudido ao final do discurso, mas sai de cena com uma câmera que o coloca andando em câmera lenta, com olhar cadavérico. Em seu quarto, se olha no espelho com olhar vago. Dorme em sua cama só, e mais tarde sua esposa tenta acordá-lo. Por outro lado, Lacerda brinda com aliados, dizendo que Getúlio não estava licenciado, mas deposto.

No dia 24 de agosto de 1954, Alzira tenta convencer Getúlio a usar a vila Militar para derrubar golpistas. Ele alega estar exausto, só querer dormir, e que alguns ministros já teriam promessas de cargos de Café Filho, por isso ela estava iludida. Getúlio apresenta sinais de depressão e esgotamento, mas em conversa com irmão Benjamin, diz que vivo não se entregaria.

5.6 Cenas principais

Getúlio sai rapidamente de seu quarto e acena à filha. Em outra sala, mexe no cofre. Ao voltar ao seu quarto, olha no espelho com ar de tristeza e senta na cama. É visivelmente um senhor desgastado e desiludido, em nada aparentando aquela liderança política poderosa de outrora. Coloca um envelope em cima da cabeceira da cama. Pega o revólver. A cena não tem nenhuma trilha sonora como parceria, apenas o barulho natural em decorrência das ações da personagem, o que torna o clima ainda mais fúnebre. O presidente aponta a arma para o próprio peito e suspira nervoso, para em seguida engatilhar e disparar a arma. A câmera mostra mais uma vez o lustre girando em velocidade alta e, repentinamente, o giro se encerra e Getúlio cai na cama, morto. Ao ouvir o barulho, Alzira caminha oscilante ao quarto, em uma cena acompanhada de um silêncio sepulcral. Quando ela coloca a mão na fechadura do quarto, volta trilha sonora com viés dramático. Ela chora sobre o corpo do pai na cama.

A seguir, diversas pessoas em diferentes locais se lamentam. A filha de Getúlio continua sobre o corpo do pai, e grita, chorando copiosamente, “Pai”. Naquele momento, não está ali representado o político, mas um pai que deixou seus filhos. Mais uma vez, é uma representação humanizada dessa liderança política que, na hora da morte, apresentou uma faceta diferente da qual estamos acostumados a presenciar.

Trechos da carta do presidente são lidos em *voice over* por ele mesmo. Cenas de seu velório com trabalhadores carregando seu corpo vêm a seguir, dando uma ideia da adoração que essa liderança política ainda mantinha entre as massas populares. Apesar de

tudo, o que se tem é a impressão que, após sua morte, ele triunfou diante de seus antagonistas. Por fim, já com tela preta ao fundo, algumas informações sobre os envolvidos em todo aquele contexto são lançadas. A última refere-se a uma frase de Tancredo Neves, que dizia que se Getúlio não tivesse se matado, 1954 seria 1964 mais cedo, pois eram as mesmas lideranças envolvidas no golpe militar. Assim, a impressão que se tem é que essa liderança política fez um último sacrifício pelo país: atentou contra a própria vida, em um último ato de heroísmo. Assim, a derradeira frase que aparece no filme é uma famosa afirmação de Getúlio Vargas: "gosto mais de ser interpretado do que me explicar" (GETÚLIO, 2014, doc. não paginado).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentei nesse artigo uma análise fílmica sobre os filmes *Lincoln*, 2012, e *Getúlio*, 2014, levando em conta que são líderes políticos de massa que conseguiram entrar para a história com suas ações políticas. Para isso efetuei uma breve exposição de diferentes conceituações sobre lideranças políticas, para em seguida abordar o contexto em que os filmes selecionados foram produzidos e finalizei com a análise deles usando como metodologias a Hermenêutica de Profundidade, de John Thompson (2002), com a qual contextualizei as formas simbólicas, interpretei seus discursos e ressignifiquei enquanto representações estéticas das lideranças políticas abordadas. Junto a essa metodologia, utilizei a proposta de Penafria (2009) para uma análise mais técnica, separando as informações principais de produção dos filmes, a decomposição deles em cenas e os pontos de vistas dos diretores, e encerrei com cenas principais que exprimem os clímax dessas produções cinematográficas.

Lincoln é representado esteticamente como uma liderança política heroica. A prática da compra de votos é mostrada por um ponto de vista positivo, como alguém que fez o necessário para alcançar um ideal nobre, a liberdade de um povo oprimido. Essa abordagem positiva dialoga diretamente com o contexto de produção do filme: as eleições americanas que culminariam em um novo mandato de Barack Obama, o primeiro presidente negro dos Estados Unidos. O diretor Steven Spielberg expressou com consultores seu apoio a Obama. Ao estabelecer uma relação dessas duas figuras políticas, é como se Lincoln tivesse realizado um grande feito e a consequência disso seria a chegada de outro grande homem à presidência, como se a vitória e permanência de Obama

concretizasse a luta de Lincoln realizada anos antes. Quando Obama vence, Lincoln vence! Eis a mensagem passada.

Em Getúlio, observamos uma liderança política representada esteticamente como decadente e desgastada, com vislumbres da glória que obteve em outros momentos, mas pressionada ao extremo e que chega a uma atitude de libertação, para entrar na história com um último sacrifício em nome de uma dignidade política que naquele momento havia perdido. O diretor João Jardim apontou que o filme é, acima de tudo, um alerta. O que se percebe é que Getúlio aparenta ser a encarnação do que é a política brasileira: desgastada por acordos escusos e traições de todos os lados em uma inesgotável corrida para alcançar e manter o poder. O povo miserável abraça o pouco que recebe e venera determinadas lideranças políticas mesmo quando estão envolvidas em casos de corrupção, porque pouco obtiveram ao longo da história do país. Contudo, esse jogo também tritura seus participantes, mesmo aqueles considerados durante algum tempo como poderosos. Getúlio expressa as consequências disso: dores, solidão e decadência, preso pelas próprias amarras do poder que cultuava em momentos passados.

Lincoln e Getúlio apresentam dramas familiares, relações conflituosas com suas famílias ao perderem seus filhos, esgotamento pelo **sacrifício** que fizeram em nome do país, são acusados de ditadores e morrem para ingressarem na história. De certa forma, ambos são enquadrados pelas direções dos filmes para dizerem algo sobre o contexto em que foram produzidos. No final de tudo, eles disseram, cabe ao público interpretar as vozes dos diretores que são transmitidas através dessas figuras históricas.

Ao final dessa análise, podemos afirmar que, a partir da agenda proposta por Vera Chaia (2016), do estudo das imagens do poder dentro da obra cinematográfica, as figuras dos presidentes, dentro das obras aqui analisadas, representam esteticamente importantes elementos simbólicos expressos na personagem da liderança política que constituem uma rede de significados das representações políticas presentes no imaginário da cultura política de ambos os países.

REFERÊNCIAS

CHAIA, Miguel. Liderança Política: Virtú e Parresia. **Contemporânea,** Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 389-412, jul./dez. 2016a.

CHAIA, Vera. Lideranças políticas e cinema: a imagem construída de Luiz Inácio Lula da Silva. **Cordis,** São Paulo, n. 16, p. 186-217, jan./jun. 2016b.

GETÚLIO. Direção: João Jardim. Produção: Carla Camurati. Brasil: Globo Filmes, 2014. DVD, (100 min), son., color.

LINCOLN. Direção: Steven Spielberg. [*S.l.*]: DreamWorks, 2012. DVD, (150 min), son., color.

MELO, C. Notas e reflexões sobre liderança política: contribuição para delimitação de um campo de estudo. **Aurora,** São Paulo, v. 5, n. 14, p.11-30, jun./set. 2012.

PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes: conceitos e metodologia(s). *In*: CONGRESSO SOPCOM, 6., 2009, Lisboa. **Anais** [...]. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 2009. p. 1-10.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura moderna.** Petrópolis: Vozes, 2002.

ADORO CINEMA. **Filme Lincoln**: ficha técnica. [*S.l.*], [2017?] Disponível em: http://www.adorocinema.com/filmes/filme-61505/. Acesso em: 23 out. 2017.

CARMO, Ana Duarte. **Lincoln ainda pode ser mito para a era Obama?** Ipsilon, Nova Iorque, 10 jan. 2013. Disponível em: https://www.publico.pt/2013/01/10/culturaipsilon /noticia/lincoln-ainda-pode-ser-mito-para-a-era-obama-1580210. Acesso em: 22 out. 2017.

O GETÚLIO de João Jardim. **Papo de Cinema,** [*s.l.*], 9 maio [2014]. Disponível em: https://www.papodecinema.com.br/entrevistas/o-getulio-de-joao-jardim/. Acesso em: 22 out. 2017.

OS DEZ FILMES nacionais de maior bilheteria em 2014. **Veja,** [s.l.], 28 jul. 2014. Disponível em: http://veja.abril.com.br/entretenimento/os-dez-filmes-nacionais-de-maior-bilheteria-em-2014/. Acesso em: 22 out. 2017.

Aesthetic representations of political leadership in cinema - Lincoln (2012) and Getúlio (2014)

Abstract

This article aims to analyze the films *Lincoln* (2012) and *Getúlio* (2014), verifying through the cinematographic language the aesthetic representations of these emblematic political leaderships. The documentary and entertainment films historically carried symbolic forms aimed at building a discourse favorable to certain ideologies and/or political leaderships. Soon, this work will analyze the selected films that convey the images of these two political icons, Getúlio

Vargas and Abraham Lincoln, each one in his time and place of action, trying to identify in the symbolic forms in them how they are represented and which frameworks are mobilized by the directors in order to generate on the spectators subjectivities about these **political people**. In order to carry out this work, a bibliographical analysis of the theoreticians pertinent to the theme will be carried out, as well as a filmic analysis of the previously chosen entertainment films, using as methodological reference for both the film analysis proposed by Manuela Penafria (2009) and Depth Hermeneutics , used by John Thompson (2012) in *Ideologia e Cultura moderna*.

Keywords

Cinema. Aesthetics. Business Center. Political Leadership. Symbolic Forms.

Recebido em 07/06/2018
Aceito em 14/03/2019

Copyright (c) 2019 Bruno Novaes Araujo, Claudio Luis de Camargo Penteado. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.